

Letras sobre diários, experiências e segredos

Pedro Gondim Davis*

Este breve texto – que se apresenta ao leitor em forma de um ensaio ao mesmo tempo desprezioso e interessado (na medida em que não se presta a demonstrar qualquer teoria, mas também não se furta a revelar inquietações latentes do autor) – trata de fixar em palavra reflexões guardadas, tímidas, levadas quase que clandestinamente vis-à-vis às pretensões forjadas por aquele que agora se quer antropólogo. Oportunidade única em que o exercício aqui proposto alimenta e informa o futuro etnógrafo que, ainda virgem, crê convicto na relevância de tais reflexões.

Trabalhar com as matérias primas do nosso ofício – sejam elas a palavra, o trabalho de campo, o texto, a escrita ou a viagem – é sempre uma tarefa que desafia e que desloca (tal qual a própria etnografia). Faço deste, portanto, um primeiro movimento de deslocamento que, antes mesmo de criticar um trabalho etnográfico que ainda nem mesmo tive a oportunidade de fazer, visa antecipar alguns dos desafios de escrita e de criatividade que espero encontrar em um futuro próximo.

Este texto traz em seu corpo referências distintas que se cruzam e se interpenetram, influenciando a minha escrita e, de certa forma, levando-a a lugares que nem sempre se apresentavam determinados de saída. Antigos temas de interesse puderam retornar sob a luz dos autores aqui discutidos. Assim, procurei fazer da bibliografia abordada um trampolim para me lançar na direção de possíveis diálogos insinuados. O texto conformado, portanto, se alinha à dinâmica de oficina – lançando mão de obras antropológicas, literárias, poéticas, íntimas, críticas, clássicas, científicas, confessionais – no intuito de criar um ambiente no qual a criatividade e a reflexividade dão a tônica. Um texto que longe de se ambicionar conclusivo, intenta estimular o debate no qual nós frequentemente nos enredamos acerca do fazer antropológico e suas aproximações com a produção literária e seus produtos.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN). E-mail: pedrogondimpedro@gmail.com.

Escolhi como guia para essas aproximações ensaísticas um tema central em torno do qual outros motivos orbitam: o diário. A escolha não se justifica apenas por ser este um objeto caro à nossa disciplina, mas também por trazer atrelado a si, de maneira indissociável, outra dimensão importante que solicitou este texto, a saber, a experiência do antropólogo (ou do escritor) e o seu relato.¹

Outra razão do fascínio suscitado pelos diários é o seu caráter ambíguo e indefinido. Os diários constituem um objeto controverso por excelência, e tal estatuto não se reduz às revelações íntimas ou às confissões inauditas denunciadas em suas páginas. Do ponto de vista do seu “enquadramento editorial” (na falta de uma expressão melhor), o diário é uma peça de difícil classificação; assim como muitos consideram de difícil compreensão o fato de haver quem se interesse pela coleção de observações desprezíveis de terceiros (muitas vezes enfadonha, particularista e mesmo egocêntrica). Deve-se classificá-lo tendo como base a atividade exercida por aquele que o escreveu? Deve-se alocá-lo na estante de memórias, relegando-o assim a mera curiosidade sem maior importância? Sua relevância é medida pelo autor que o escreve ou pelos fatos revelados?

Quando todos esses questionamentos e todas essas ambiguidades se casam com as preocupações reflexivas acerca das condições e dos modos de produção da antropologia, eles podem tornar-se ainda mais interessantes. Dentro do próprio “gênero antropológico” os diários ocupam um lugar de destaque (ou um lugar destacado, no sentido de ser algo que é pensado como separado), sendo tomados quase sempre de maneira distinta em relação aos trabalhos etnográficos, às coletâneas de artigos ou ensaios e mesmo diante das publicações ditas não-científicas, como obras literárias, poéticas, aforísticas ou livros de crônicas escritos por antropólogos, por exemplo.

Pensados como uma composição que habita exatamente um lugar de indefinição, os diários (eles próprios múltiplos: de campo, de viagem, de bordo, íntimos) podem, portanto, ser úteis para enriquecer as discussões concernentes às relações entre antropologia e literatura.

Carlos Rodrigues Brandão (1982, p. 12) afirma que “o diário são as folhas detrás dos cadernos de anotações de pesquisas, viagens e reuniões”. Ali, de forma oculta, ele fazia poesia; escrevia um diário. Algo que não era pra ser publicado junto e misturado aos seus textos sérios, antropológicos.

Antropólogo resignado

Ciente, porém, de que somente as páginas oficiais não bastavam, Brandão publica *Diário de campo* (1982); livro em que, livre do rigor da teoria, o autor anuncia que agora não precisa explicar o que compreende, mas compreender o que sente (*idem*, p. 13).

A busca da redenção

Antes mesmo de se consagrar em livro e em teoria, a antropologia de Carlos R. Brandão já se debatia e tentava, sem sucesso, deixar de ser como as duas faces opostas de uma mesma moeda. Sua poesia sempre esteve nas folhas detrás dos seus cadernos de pesquisa (lugar chamado por ele de diário) e foi preciso que um outro livro viesse à tona para que aquelas folhas de uma fala oculta ocupassem um espaço que acabara de ser inventado especialmente para este fim; um palco armado e bem iluminado, onde a nobre poesia engendrada pela árdua antropologia pudesse, por um instante, reinar.

Talvez, mais poético fosse se a caneta com a qual os versos (nos versos) eram escritos estourasse e, então, enormes manchas indeléveis borrassem definitivamente os opostos dos versos e, assim, a tinta maldita destinada aos versos instauraria lacunas indesejáveis em folhas e mais folhas do caderno de pesquisa que não poderiam jamais ser preenchidas. “E agora, José?” E então, no meu delírio, imagino o antropólogo nervoso com o poeta, preocupado em reaver as notas de pesquisa. Por uma irresponsabilidade leviana, partes fundamentais do trabalho poderiam ser arruinadas. E se não desse mais tempo de voltar aos mesmos lugares? E se, uma vez lá, não conseguisse encontrar com as mesmas pessoas? E se, mesmo que as localizasse, elas não se lembrassem do que tinham dito? E se tudo fosse diferente daquilo que julgava até este momento ser tão verdadeiro?

Canetas travessas também deveriam ser incluídas no rol dos imponderáveis da vida real.

Ficamos diante de um dilema: ou a sociologia se limita à descrição do que é racional na sociedade, formando um todo harmonioso mas cheio de lacunas, ou então resolverá ser uma ciência total e terá de reproduzir uma imagem desses elementos irracionais, desses

fundos perturbadores e sentimentais, desses movimentos de massa, dos ditames do inconsciente coletivo. Não vejo meio possível para isso senão a expressão poética. (BASTIDE, 1983, p. 85).

Fazer da poesia um método sociológico é a proposição de Roger Bastide. Contudo, isso não implica necessariamente escrever poemas. Bastide nos fala de uma transfusão da alma, na qual o antropólogo intenta transcender a sua própria personalidade no intuito de superar uma ciência social que seja meramente conceitual, uma sociologia do conhecimento.

Ao que me parece, Brandão não faz da sua antropologia o resultado de uma intuição poética, tal qual apontado por Bastide. Ele rememora situações e pinça instantes que evocam um poema. A postura poética não se coloca como método. Sua geografia dos refúgios está muito bem demarcada: frente e verso. “Uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa”, e cada qual deve permanecer no seu devido lugar. Há momento para antropologia séria e há momento para a poesia.

Ainda que esses versos em versos por fim tenham vindo à baila, parece-me que isso foi feito muito mais em nome da cisão do que o contrário. Ainda que os motivos pareçam nobres e os conteúdos belos, os meios pelos quais são alcançados não satisfazem. Retomando Bastide, “a expressão poética não seria pedagógica se a sociedade nada tivesse de poético. Há, porém, na sociedade, um elemento de poesia, sendo a expressão poética um esforço de fidelidade em relação à própria verdade das coisas” (*Idem, ibidem*). Interessante notar aqui as variações em torno do tema: *expressão poética, poético, elemento de poesia...* Ou seja, não se trata da mesma coisa. Aquilo que é *poético* não precisa estar em versos, e uma *expressão poética* pode ser tudo aquilo que um poema não consegue traduzir.

A proposição de Bastide nos remete para uma dimensão estética não apenas na escrita, mas, sobretudo, na própria postura do antropólogo durante o trabalho de campo e na tradução de sua experiência vivida para o registro escrito. A discussão apontada por Bastide soa menos como uma disposição formalista do que como a busca de uma possibilidade de expansão da capacidade descritiva do antropólogo, tendo como ponto de partida uma vivência poética no campo.²

Quase nunca a vida vem em versos, ainda que alguns deles nos deem a sensação nítida de tocá-la. Contudo, o *elemento de poesia, o elemento estético*

está sempre lá; caso queira, o antropólogo pode negá-lo ou desconsiderá-lo; caso se arrependa, pode escrever, depois, um livro de poesia.

Como se tudo pudesse ser separado, Brandão nos conta (através de uma carta que no seu livro cumpre o papel de prefácio) que se despojou da teoria para escrever poesia. As referências deixaram de ser científicas para serem artísticas, literárias, e, assim, de certa forma, universais (quando se fala em poesia, pode-se até fazer uso de palavrões como estes – licença poética!). Deu-se espaço, inclusive, para as falas dos nativos. A poesia tem dessas coisas. É permissiva, é generosa. “Costura bem” com os devaneios de loucos, de famintos, de apaixonados e de antropólogos arrependidos; como o são os diários.

Todo diário que se preze é precedido de explicações que justifiquem a sua publicação; ainda mais quando se espera do diário em questão algum esclarecimento ou indicação acerca da conduta (íntima) adotada por aquele que o redige. Esse é exatamente o caso dos diários cujos autores (antropólogos) que passam pela experiência de estar em campo e que depois decidem por compartilhar suas impressões pessoais. Mais do que os apontamentos contidos no diário em si (muitas vezes extremamente enfadonhos) e as implicações epistemológicas que eles poderiam acarretar, é a evocação (e a reconstituição, muitas vezes anacrônica) da sombra borrada daquele que os compõem que parece estar em jogo.³

No que concerne à publicação dos diários privados de Bronislaw Malinowski, editados sob o título de *Um diário no sentido estrito do termo* (1997), Raymond Firth destaca que a relevância daquele documento privado (que nunca se pretendeu publicar) é justificada tão somente pela importância daquele que o escreveu. Portanto, “é como documento humano, e não como contribuição científica, que o diário de Malinowski deveria ser avaliado” (In MALINOWSKI, 1997, p. 21).

Decorre, portanto, dessa obrigação praticamente implícita pelas justificativas a miríade de preâmbulos, de prefácios, de introduções, de notas explicativas e de adendos que acompanham a publicação dos diários de antropólogos. É quase como se o autor estivesse se desculpendo de antemão por tudo aquilo que entrega de bandeja ao leitor. Contudo, as desculpas não parecem ser endereçadas a leitores sempre ávidos por esse tipo de relato (“... ele pede cada vez mais deste alimento, do qual engole quantidades fantásticas” LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 16), mas, principalmente, aos seus pares.

Em uma obra literária denominada *O mal de Montano* (2005), que tem por tema central o diário como forma narrativa, Enrique Vila-Matas, citando Alan Pauls, discorre em determinado trecho de seu livro-diário acerca da fatalidade sensacionalista do diário pessoal.

Bem, sensacionalista é o adjetivo que Alan Pauls atribui a este fato tão frequente de que sempre que se encontra um diário (“porque um diário nunca aparece: encontra-se, tropeça-se nele ou cai-se sobre ele, inclusive quando antes o procurou com desespero”), há, junto a suas páginas, muitas vezes manchando-as, um cadáver (VILA-MATAS, 2005, p. 214).

Tendo por referência essa categoria, a da fatalidade sensacionalista, que liga a publicação de um diário ao cadáver daquele que o escrevera, talvez o diário de Malinowski seja o único diário antropológico que possa de fato ser considerado como um diário no sentido estrito do termo.

Aproveitando-me ainda do excelente título (excelente por ser bom para pensar) escolhido para o diário de Malinowski desloco-me até o artigo de René Lourau, *Le journal total de Bronislaw Malinowski* (1988), e me detenho no trecho em que ele se pergunta: “Mas o que é um diário verdadeiro, um diário ‘no sentido estrito do termo’?” (LOURAU, 1988, p. 43). De acordo com Lourau, o título referido se apresenta como uma contradição, uma vez que severa censura editorial foi operada antes que o livro fosse publicado, tendo por resultado uma série de supressões. Tudo aquilo que foi considerado “excessivo” foi eliminado do diário, especialmente sequências voltadas a todo tipo de fantasmas eróticos e notas sobre masturbação.

Pode-se nomear essa censura de o paratexto do excessivo – excessivamente íntimo; porque não excessivamente político, excessivamente apolítico, excessivamente racista, etc.? Nesse caso, ‘excessivamente íntimo’, é paradoxal para um diário ‘no sentido estrito do termo’ (*Idem, ibidem*).

Se, por um lado, pode-se afirmar que o diário de Malinowski se constitui como um diário no sentido estrito do termo, já que a ele cabe perfeitamente a noção de fatalidade sensacionalista dos diários, que acabo de mencionar, por outro lado, a censura suscitada por Lourau torna contraditório o título,

dado o simples fato de o diário não ter sido publicado tal como fora escrito. O curioso é que tanto lá quanto cá, o motivo que permite atestar ou não a conveniência do título é o mesmo: a presença de um cadáver que, uma vez estando obviamente morto, possibilitou o encontro e a publicação do diário, mas ao mesmo tempo ensejou também a sua censura.

Mesmo com todas as cenas dignas dos mais concorridos folhetins que (imagino) foram provocadas no meio antropológico diante da publicação dos diários de Malinowski, há de se destacar que, enquanto gênero literário, a publicação dos seus diários jamais causaria tanto rebuliço; afinal de contas satisfazia a premissa fundamental para a publicação de qualquer diário: o corpo morto do autor.

O cadáver do autor está quase sempre garantido nos diários convencionais e talvez não tanto nos que inovam no gênero, isto é, nos diários fictícios ou pensados como criação literária [ou criação antropológica, acrescento eu], onde, de todo modo, o cadáver do autor acaba chegando igualmente por lei da vida (VILA-MATAS, 2005, p. 215).

No entanto é como gênero antropológico (ou como criação antropológica, caso se considere tudo aquilo que é publicado sob a alcunha de antropologia como um gênero em si) que ele se destaca – e aqui, mais uma vez, é também aquilo que o torna apenas mais um, entre tantos diários convencionais o que o distingue de todos os diários de antropólogos.

Por já estar morto quando da publicação dos seus diários, a Malinowski não coube a redação de seu próprio prefácio, das suas notas explicativas, de seus adendos, de seus preâmbulos. Enfim, lhe foi retirado o apanágio básico e fundamental de todos aqueles antropólogos que acharam por bem (seja lá quais forem os seus motivos) publicar os seus diários: o privilégio (e, por quê não, o direito?) de redigir as suas próprias justificativas.

No caso do diário de Malinowski, todas as justificativas que introduzem o livro são de segunda-mão. A função, dividida entre sua ex-mulher, Valleta Malinowska, e Firth, apoia-se na permanente tentativa não só de vincular o autor do diário à sua obra maior (no sentido tratado por Barthes), mas também de refugiar-lo atrás do cânone erigido por ele próprio. De uma forma geral, apresentar ao mundo a personalidade de um grande cientista social e, acima de tudo, de um grande homem, seriam as principais razões a motivar

tanto a opção de Valleta em publicar aquelas notas, como a aceitação do convite, por parte de Firth, para redigir sua introdução.

Portanto, se hoje os diários são tidos como uma importante fonte de reflexão e como um rico material para se pensar a atividade do antropólogo – não só em campo –, com toda certeza não devemos depositar na conta de Malinowski esse mérito, pois, desde sempre, ele nunca tivera a intenção de publicar o seu diário. O fato (contingencial) de haver sido publicado posteriormente não nos permite determinar e redefinir, retrospectivamente, pela mera especulação, um trajeto no qual a edição de seus diários possa ser tomada como uma empreitada que tencionava a reflexão acerca do trabalho do antropólogo. Diferente dos diários que constituem um esforço deliberado de reflexão, uma vez que já são concebidos como escritos publicáveis – “[aqueles diários] que inovam no gênero, isto é, os diários fictícios ou pensados como criação literária [ou criação antropológica]” (VILA-MATAS, 2005, p. 215) –, o diário de Malinowski é um diário “como outro qualquer”. Um diário que foi encontrado (uma vez que um diário nunca aparece, é sempre encontrado) e que traz atrelado a si um cadáver. Um diário que, como outro qualquer, não fora escrito para que fosse lido. Um diário secreto, como todos os verdadeiros diários devem ser.

Notas

1. A reconhecida relevância tributada aos diários de campo administrados pelos antropólogos durante o seu trabalho é algo que tomamos como um dado do nosso ofício; assim como foram de fundamental importância epistêmica e crítica para o desenvolvimento da antropologia a publicação dos diários de campo de Malinowski e a produção e publicação interessada de *A África fantasma*, de Michel Leiris, por exemplo.
2. Sobre este ponto, Dell Hymes (1986) propõe uma alternativa distinta da apresentada por Bastide. Segundo ele, a organização métrica do relato, com sua disposição em linhas que remetam a linhas memoráveis ou marcantes da experiência humana vivenciada pelo antropólogo, pode se apresentar como um caminho produtivo, no intuito de se alcançar maior fidelidade no exercício de produção de sentido empreendido pelo antropólogo. Assim, sua preocupação, diferentemente de Bastide, está mais próxima do aspecto formal do relato, sendo que os versos permitiriam dar relevância à potência e à importância que certas sentenças configuram.
3. Roland Barthes (2004, p. 58) indica que em contextos nos quais ainda se faz presente o reinado do autor (“como nos manuais de história literária, nas biografias dos escritores, nas entrevistas dos periódicos e na própria consciência dos literatos”), o diário íntimo cumpre papel de juntar a pessoa e a obra.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. 2004 [1968]. “A morte do autor”. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes.
- BASTIDE, Roger. 1983 [1946]. “A propósito da poesia como método sociológico”. In Queiroz, M. I. P. de (org.) *Roger Bastide*. São Paulo: Ática. p. 81-87.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1982. *Diário de campo: a antropologia como alegoria*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- HYMES, Dell. 1986. “Anthropology and poetry”. In: **Dialectical Anthropology**, vol. 11 (1986) n. 2-4. p. 407-410.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1996. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LOURAU, René. 1988. “Le journal total de Bronislaw Malinowski”. In: *Le journal de recherche: matériaux d’une théorie de l’implication*. Paris: Méridiens Klincksieck.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1997. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record.
- VILA-MATAS, Enrique. 2005. *O mal de Montano*. São Paulo: Cosac Naify.

Resumo

No intuito de discutir noções caras à atividade antropológica, como a escrita, a literatura, a experiência do etnógrafo e os dilemas acerca da publicização das condições do trabalho de campo, toma-se um tema central em torno do qual essas questões orbitam, a saber, o diário. A sua escolha não se justifica apenas por ser este um objeto caro à disciplina. Dado seu caráter controverso, ambíguo e indefinido – são literatura, memórias, segredos, curiosidades, dados etnográficos? –, os diários se apresentam como uma boa entrada para se pensar sobre relações entre uma série de preocupações reflexivas que voltam seus esforços de compreensão para as condições de produção do trabalho dos antropólogos. O texto, portanto, lançando mão de obras de diferentes enquadramentos editoriais (acadêmicas, literárias, confessionais, ensaísticas) que dialogam diretamente com essa temática, empreende uma aproximação ensaística que trata de algumas (dentre as várias possíveis) relações entre as distintas concepções de diário apresentadas e a antropologia.

Palavras-chave: diários; experiência; literatura; antropologia.

Abstract

In order to discuss notions dear to anthropological activity, such as writing, literature, the experience of the ethnographer and the dilemmas of publishing the conditions of field work, it is took a central theme around which these issues are developed, namely the diary. This choice is justified not only because it is a subject dear to the discipline. Given its controversial nature, ambiguous and undefined – is it literature, memories, secrets, curiosities, ethnographic data? - diaries present themselves as a good entry to think of a number of reflective concerns that turn their efforts to understand the conditions of production of the anthropologists work. Thus, making use of different frameworks editorial texts (academic, literary, intimate, essayistic) that dialogue directly with this theme, the paper undertakes an essayistic approach that addresses some (among several possible) relations between the different conceptions of diaries presented and anthropology.

Keywords: diary; experience; literature; anthropology.

Recebido para publicação em julho/2013.

Aceito em novembro/2013.